

Escandinávia, a norte dos rankings



Noruega, Finlândia, Dinamarca e Suécia ocupam em permanência os lugares cimeiros da tabela de Produto Interno Bruto (PIB) per capita do Fundo Monetário Internacional

Percorrem os tops de todos os índices comparativos a nível social e económico. No mais recente Fórum Económico Mundial, em Davos, no passado mês de janeiro, foram tidos como exemplo a seguir. Apesar do sucesso, nos países do sol da meia-noite observa-se uma ascensão da extrema-direita. *Por João Gaspar*

“O modelo escandinavo funciona e provoca inveja no resto do mundo”. As palavras são do Prémio Nobel da Economia de 2001, Joseph Stiglitz. Os cognomes e rótulos ligados aos países nórdicos justificam tal afirmação. Em 2010, a Suécia foi considerada a segunda economia mais competitiva do mundo. Entre 2001 e 2007 e, depois, em 2009 e 2010, a Noruega surge como o país mais desenvolvido e o mais democrático do mundo. Também em 2010, a Finlândia foi rotulada como “o melhor país do mundo” pela revista americana Newsweek e em 2009 atingiu também o primeiro lugar do pódio como o país mais estável a nível mundial. A Dinamarca recebeu o título de “país mais feliz do mundo” e foi considerado em 2010 o país menos corrupto, a par da Nova Zelândia e de Singapura. Tais classificações, que enaltecem o sistema económico-social escandinavo, levaram a que no mais recente Fórum Económico Mundial, em Davos, o sistema norueguês fosse uma das grandes atrações, sendo sugerido como o modelo a seguir.

“Nós devemos estar a fazer alguma coisa correta para termos os melhores sistemas de educação e as economias mais competitivas” garante o conselheiro da Embaixada da Finlândia em Portugal, Stefan Lindström. Os quatro países – Noruega, Suécia, Dinamarca e Finlândia – estão presentes no top 15 na tabela de produto interno bruto (PIB) per capita do Fundo Monetário Internacional. A Finlândia, com 31 mil euros anuais, é o país escandinavo com o menor PIB per capita, contudo, quando comparado com Portugal, pode-se observar que o mesmo país tem o dobro do PIB português. A liderar os países escandinavos, está a Noruega com um PIB per capita de 62 mil euros anuais (o quádruplo do português).

Apesar de Portugal e os países escandinavos se centrarem nos serviços, todos com esta área a compor entre 69 e 77 por cento dos setores de atividade económica, as diferenças acentuam-se quando se compara a situação económica e social de Portugal com a dos países escandinavos. “A sociedade portuguesa é muito

mais desigual e os serviços públicos e o estado social são muito menos generosos”, afirma João Rodrigues, investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES).

E o porquê do sucesso escandinavo? João Rodrigues responde categoricamente: “há uma maior noção de que a igualdade de resultados é uma pré-condição para o desenvolvimento económico”. David Jourdan, representante da Real Embaixada da Noruega, enumera algumas das características presentes no modelo escandinavo que levam ao sucesso do mesmo: “um modelo de governo que enfatiza a igualdade, um diálogo social tripartido (governo, setor empresarial e sindicatos), uma redistribuição de recursos através de taxas proporcionais e serviços sociais, um mercado liberal e uma sociedade civil muito ativa”.

Uma pesada carga fiscal

A elevada carga fiscal dos países nórdicos, em que as populações podem chegar a descontar 50 por cento do seu rendimento, traduz-se na diminuição do fosso entre classes. João Rodrigues acredita

que estes “mecanismos de concertação social ajudam a criar consensos em torno das reformas económicas a serem efetuadas”. David Jourdan corrobora o investigador do CES, afirmando que “na Noruega as pessoas pagam taxas elevadas há décadas e portanto estão habituadas a receber serviços sociais generosos”. Christian Carlsson, conselheiro da Embaixada da Suécia, lembra ainda a ideia que pauta as políticas de todos os países escandinavos: “de cada um de acordo com as capacidades, a cada um de acordo com as necessidades”.

David Jourdan considera que a ideia de estado social agrada a todos, sendo que tal perspectiva é adotada também por Stefan Lindström que admite que “é muito difícil criar uma lista de desvantagens quando os países nórdicos mantêm, ano após ano, os seus lugares no pódio de análises internacionais comparativas”.

A aproximação da extrema-direita

Apesar da satisfação da população nórdica nos seus sistemas, João Rodrigues alerta para “uma

perigosa ascensão de forças xenófobas e de extrema-direita” nos países escandinavos. Para além da derrota de partidos sociais-democratas em alguns dos países face à ascensão de partidos de direita, é possível observar o crescimento de movimentos de extrema-direita. Em 2010, na Suécia, aquando das últimas eleições, o partido de extrema-direita Democratas da Suécia conseguiu ter assento, pela primeira vez, no parlamento. Três anos antes, em 2007, na Dinamarca, Rasmussen fora reeleito, através de uma coligação com o Partido do Povo Dinamarquês, movimento que tem como principal bandeira política a anti-imigração. “Existe o problema da imigração em sociedades que até há bem pouco tempo eram bastante homogêneas”, explica João Rodrigues que acrescenta ainda que a questão da imigração “facilita discursos que veem os imigrantes como apenas beneficiários do modelo social e os sociais-democratas, que dominaram nesses países, têm dificuldade em criar um discurso alternativo”.

Com Filipa Magalhães

brevevamente.org

Brevemente

audiovisual publicidade

recepção de obras até 22 Fevereiro!

intervenção identidade visual programação televisiva

intervenção identidade visual programação televisiva

CONCURSO DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA